

**“Uma das mais bellas
páginas de vosso brilhante
passado”: Barão Homem
de Melo, o IHGSE e a
invenção do herói de
Aracaju (1917)**

Magno Francisco de Jesus Santos¹

Resumo

Ao longo da primeira metade do século XX, o exercício de escrita da história do Brasil teve como palcos privilegiados os institutos históricos e geográficos. As casas de memórias, tanto a nacional, assim como as congêneres estaduais atuaram como fábricas de heróis, de composição de enredos que entrelaçavam passados, forjavam marcos históricos, valoravam espaços e pincelavam a face do povo a partir do espelho biográfico. A biografia do herói emergia como o retrato de seu povo. Neste artigo analiso as comemorações promovidas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe sobre o fundador de Aracaju: Inácio Joaquim Barbosa. Pautado nas notícias de jornais e nas conferências publicadas na Revista do IHGSE, torna-se possível entender como os escritos biográficos do Barão Homem de Melo contribuíram para forjar um retrato dizível para um herói sem face.

Palavras-chave: biografia, IHGSE, Barão Homem de Melo, Inácio Barbosa, comemoração.



1 Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor Adjunto do Departamento de História da UFRN, do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenador do Subprojeto de História/Natal do PIBID.

**“one of the most beautiful pages
of your brilliant past”:
Barão Homem de Melo, IHGSE
and the invention of hero de
Aracaju (1917)**

**“Una de las páginas más bellas de
tu brillante pasado”:
Barão Homem de Melo, IHGSE y
la invención del héroe de
Aracaju (1917)**

127



Abstract

Throughout the first half of the twentieth century, the exercise of writing the history of Brazil had historical and geographical institutes as privileged stages. The houses of memories, both the national one, as well as the state counterparts acted as factories of heroes, composing plots that intertwined the past, forging historical landmarks, valuing spaces and painting the face of the people from the biographical mirror. The hero's biography emerged as the portrait of his people. In this article I analyze the celebrations promoted by the Historical and Geographic Institute of Sergipe in founder of Aracaju: Joaquim Inácio Barbosa. Based on news from newspapers and conferences published in Revista do IHGSE, it becomes possible to understand how the biographical writings of Barão Homem de Melo contributed to forge a sayable portrait for a faceless hero.

Keywords: biography, IHGSE, Barão Homem de Melo, Inácio Barbosa, celebration.

Resumen

Em la primera mitad del siglo XX, el ejercicio de escribir la historia de Brasil tuvo a los institutos históricos y geográficos como etapas privilegiadas. Las casas de los recuerdos, tanto la nacional como las contrapartes estatales, actuaron como fábricas de héroes, componiendo tramas que entrelazaron el pasado, hacendose hitos históricos, valorando espacios y pintando la cara de la gente desde el espejo biográfico. La biografía del héroe surgió como el retrato de su pueblo. En este artículo analizo las celebraciones promovidas por el Instituto Histórico y Geográfico de Sergipe sobre el fundador de Aracaju: Inácio Joaquim Barbosa. Con las noticias de periódicos y conferencias publicadas en Revista do IHGSE, es posible comprender cómo los escritos biográficos de Barão Homem de Melo contribuyeron a forjar un retrato digno de un héroe sin rostro.

Palabras clave: biografía, IHGSE, Barão Homem de Melo, Inácio Barbosa, celebración.

O ateliê da história sergipana

Homenagens posthumas

Foram cumpridas pelo Governo as disposições constantes do art. 1º, n. 92, da lei n. 700 de 16 de Novembro de 1915, referentes ao monumento ao dr. Ignacio Joaquim Barbosa, às exéquias do senador general José Gomes Pinheiro Machado e à estátua de monsenhor Olympio Campos.

O monumento a Ignacio Barbosa já se acha nesta capital – e de acordo com a deliberação da directoria do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe, com o qual concordei, será erigido em lugar conveniente, no Jardim Olympio Campos, e inaugurado a 17 de Março do anno vindouro. 62º anniversario da Resolução n. 413 de 17 de Março de 1855 que mandou transferir da cidade de S. Christovam para a de Aracaju a capital da antiga província, o que em boa hora se realizou, graças à clarividência e tenacidade de Ignacio Barbosa, que n'aquella época ocupava a presidência (SERGIPE, 1916, p. 6-7).

Na terceira sessão ordinária da 12ª legislatura, no dia 7 de setembro de 1916, o presidente do estado de Sergipe, Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão, anunciava aos deputados estaduais as realizações do primeiro triênio de governo. O relatório do presidente do estado servia como uma prestação de contas e um momento de exibição das proezas administrativas. Naquela ocasião, um dos primeiros pontos elencados pelo governante foi o dos preparativos para a inauguração do monumento à Inácio Barbosa, fundador da cidade de Aracaju e responsável pela mudança da capital sergipana.

Desse modo, por meio das proezas do verbo cadente do administrador, evocava-se o passado monumentalizado. Palavras que iam além da elucubração retórica, pois reafirmavam o lugar de fala do governante coadunado com a construção de uma cultura política republicana vinculada à oligarquia da chamada tríade militar que governou Sergipe entre 1908 e 1918. De acordo com Ibarê Dantas,

Desde 1911 a vida partidária, que já era diminuta, cedeu lugar à predominância exclusiva do *Partido Republicano Conservador* como elemento formalizador das candidaturas situacionistas. Dentro desse quadro, ascendeu o general Oliveira Valladão apoiado por Pinheiro Machado, que continuava gozando de grande prestígio na política nacional (DANTAS, 2004, p. 36).



Nas palavras do principal historiador político de Sergipe, o segundo decênio do novecentos foi marcado pelo domínio da oligarquia vinculada ao Partido Republicano Conservador. Desse modo, é possível pensar como esse grupo político de Sergipe promoveu os usos do passado no processo de construção de uma cultura política republicana. Afinal, quais episódios da história sergipana foram mobilizados na construção de uma leitura acerca do passado? Quais projetos de futuro eram desejados?

Por meio do pronunciamento do presidente de estado, é perceptível como o fomento à construção do futuro do estado perpassava pela celebração dos heróis de outrora, em um feitiço em ziguezague, que ordenava o passado a partir das demandas do presente e do modelo de futuro aspirado. Neste sentido, torna-se possível pensar os usos do passado na política sergipana do nascedouro do século XX a partir da concepção de cultura política, que de acordo com Jean-François Sirinelli constitui “uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição políticas” (SIRINELLI, 1992, p. 3-4).

No entanto, as proezas de monumentalização do fundador da capital sergipana não estava a cargo exclusivo do presidente do estado. Tratava-se de um projeto gestado pelos intelectuais vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, sodalício fundado nos idos de 1912, com o propósito de reunir acervos, congregar homens de letras e fomentar a escrita da história sergipana (SANTOS, 2014). O relatório presidencial informava que a escolha do lugar onde o monumento deveria ser posto era resultante da deliberação dos sócios do IHGSE. Em tempos republicanos, os institutos históricos se transformaram em espaços privilegiados no processo de reinvenção do passado da nação, por meio da elucubração de novos heróis e da valoração de episódios tingidos de elementos republicanos. Como bem expressou Ângela de Castro Gomes:

Exatamente por isso, como ocorreu em inúmeros casos de formação de Estados nacionais “modernos”, o destinatário dos discursos científicos era outro, o que ganhava especial força no caso da história do Brasil, por seu sabido e acreditado valor pedagógico. Sem descurar da educação das elites governantes, que tinham muito a aprender com os “heróis” e os grandes eventos da história pátria, o interlocutor privilegiado da narrativa era o próprio “povo brasileiro”, a ser criado em movimento simultâneo ao da construção de uma história, em que ele era também um protagonista, além de destinatário (GOMES, 2012, p. 13).

No entender de Ângela de Castro Gomes, os institutos históricos no país se tornaram espaços de produção e disseminação de narrativas que divulgavam novos heróis e episódios da história pátria. A formação do



povo brasileiro e da elite governante deveria estar pautada nos exemplos de outrora. Era um projeto de jogo dos espelhos, no qual os homens do presente olhavam para o passado em busca de inspiração e de bons exemplos. Já o passado reluzia o futuro de um país de civilizado, que utilizava a história como instrumento de soerguimento da nação.

Partindo desta prerrogativa, é possível entender a atuação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, ao longo dos primeiros decênios do século XX, como um espaço institucional de produção de narrativas históricas que visavam fomentar a construção da identidade sergipana. Era um instrumento de produção de uma cultura política republicana a partir da mobilização de episódios e sujeitos do passado na produção de uma leitura comum da história estadual, na finalidade de forjar um projeto compartilhado de futuro. Os usos do passado ocorriam por meio do levantamento de fontes para a constituição dos acervos, do exercício de escrita da história, da encomenda de bustos e retratos para compor a galeria dos heróis sergipanos e, não menos importante, da celebração das efemérides, por meio de inaugurações e conferências.

Neste artigo proponho analisar as comemorações promovidas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe acerca de Inácio Joaquim Barbosa, fundador de Aracaju. Nesta ocasião, o sodalício realizou uma série de eventos ao longo de uma semana, contando com a inauguração do monumento, traslado dos restos mortais do fundador e uma série de conferências no IHGSE. Entre os convidados ilustres, encontrava-se Francisco Ignácio Marcondes Homem de Melo, o barão Homem de Melo, proeminente figura intelectual da segunda metade do século XIX, que tinha atuado como docente da cadeira de História Universal do Colégio Pedro II e compunha a diretoria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Com isso, a celebração da memória do fundador da cidade de Aracaju ocorreu por meio da efusão de narrativas. Instituiu-se formas de dizibilidade e visibilidade para o herói da cidade. Neste sentido, busco entender essa profusão de narrativas a partir das notícias de jornais e das conferências publicadas na Revista do IHGSE, no ensejo em que o Barão Homem de Melo fomentava a construção imagética do herói por meio de seus escritos biográficos.

O conferencista convidado pela Casa de Sergipe para falar sobre as proezas do fundador de Aracaju era um renomado intelectual brasileiro, que integrava a diretoria do IHGB e possuía uma vasta produção historiográfica, principalmente, no tocante às biografias. O barão Homem de Melo (1837-1918), teve uma ampla participação no cenário político do segundo reinado, ao ocupar cargos como presidente de províncias, deputado provincial e geral. Além disso, atuou no magistério, como docente de renomadas Instituições como o Colégio Pedro II, o Colégio Militar e a Escola Nacional de Belas Artes. De igual modo, ele fomentou a publicação



de obras clássicas da historiografia brasileira.² De acordo com Odilon Nogueira de Matos,

Retornando ao magistério após a proclamação da República, lecionou no Colégio Militar e na Escola de Belas Artes. Considerado um dos quadros grandes beneméritos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No mesmo ano de seu falecimento, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga aberta com a morte de José Veríssimo. Desde muito moço manifestou acentuado pendor pelos estudos históricos, publicando seu primeiro trabalho sobre a matéria em 1858. De 1863 data seu livro mais importante, *A Constituinte perante a História*, indispensável para o estudo da formação constitucional do Brasil. Quando presidente da Bahia promoveu a publicação de uma “Coleção de obras relativas à história da Bahia”, cujo primeiro volume foi a obra famosa de Rocha Pita, *História da América Portuguesa*, numa edição (Bahia, Imprensa Econômica, 1878), considerada por Rubens Borba de Moraes a melhor de quantas se fizeram do célebre livro do autor baiano (MATOS, 1972, p. 223-224).

131



Percebe-se a partir da narrativa de Odilon de Matos, como o barão Homem de Melo teve uma ampla inserção na política em defesa da história no período entre a segunda metade do século XIX e os primeiros decênios do século XX. Além disso, ressaltam-se os escritos atinentes ao campo da biografia, com a produção de perfis de homens letrados do oitocentos (MATOS, 1972, p. 225). A biografia consistiu em um dos mais profícuos campos de atuação de pensadores da história nos primeiros decênios republicanos (SANTOS, 2019). No ensejo de reinventar a nação nos moldes republicanos, a instrução cívica pautou-se nos exemplos dos grandes homens. Para Ângela de Castro Gomes:

O uso da biografia, como melhor meio de realização da “instrução cívica que mal podia ser inculcada pela história”, era uma estratégia importante para se tocar à infância, isto é o futuro. Por essa razão, não se devia exagerar no número de biografados, que precisavam ser bem escolhidos entre aqueles que fertilizavam a história pátria, e que eram de fato homens representativos (GOMES, 2012, p. 112).

A proliferação de biografias produzidas ao longo dos primeiros decênios republicanos, tanto por meio de narrativas proferidas oralmente e escritas, como na elevação de monumentos, tinha como principal núcleo irradiador os institutos históricos. É o processo que Armelle Enders denomina de “fábrica de heróis” (ENDERS, 2014), em decorrência do vasto repertório de

2 O barão Homem de Melo fomentou a publicação da “Colleção de obras relativas a história da capitania depois província da Bahia e a sua geographia mandadas reimprimir ou publicar pelo Barão Homem de Melo”, em 1878.

narrativas acerca de heróis e episódios. Assim, as biografias foram usadas como instrumento de forjar identidades para os espaços, nos quais os homens emergiam como a face coletiva de um povo. Para Enders,

O lugar dos heróis traz à tona questões referentes ao papel atribuído aos indivíduos na história, ao culto dos grandes homens e da personalidade, em suma, tudo quanto diz respeito aos heróis não apenas no âmbito nacional, mas também internacional. Nada é mais internacional do que a formação de identidades nacionais: os panteões não fogem a essa regra. Os heróis têm uma história cujas pulsações correspondem estreitamente à fé no progresso, ao advento e desenvolvimento das sociedades políticas modernas, democráticas e nacionais (ENDERS, 2014, p. 14).

Pautado nesta assertiva, seria possível dizer que, na primeira metade do século XX, o IHGSE foi o principal espaço do fabrico da história sergipana. Contudo, ao considerarmos os aspectos inerentes ao ofício do historiador, incluindo particulares do tempo no alvorecer do século XX, é importante registrar que esse processo de produção dos saberes da história apresenta-se de forma artesanal, por meio do cotejo de fontes dispersas, reunião de textos históricos para a efetivação do diálogo historiográfico e a lenta apropriação do método histórico. Neste sentido, mais do que uma fábrica de história e biografias, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe atuava como um ateliê, que reunia um seleto grupo de artífices da história no processo de tecelagem de enredos pretéritos. Com isso, é pertinente pensar o exercício de escrita da história a partir da poética definição de Durval Muniz Albuquerque Júnior,

Concordo com a ideia de que a historiografia é produto de um trabalho, de um trabalho de atribuição de sentido aos eventos, aos acontecimentos do passado. Concordo que o historiador exerce um trabalho de produção do passado, que este o fabrica como um artefato. Concordo que ele exerce uma tarefa de produção de versões para aquilo que se passou, que produz sentido para os tempos, que dá a eles existência e consistência. Mas considero que o trabalho que realizamos não tem o caráter maquinico, o caráter fabril, caráter plenamente moderno, que as imagens e metáforas usadas tanto por Certeau quanto por Marx parecem indicar. O trabalho do historiador me parece ter mais analogias com o trabalho artesanal do que com o trabalho na grande indústria. O historiador me parece habitar mais um ateliê do que um espaço fabril. Penso que a atividade historiadora tem maior proximidade com a paciente e meticulosa atividade manual exercida por tecelões, bordadeiras, rendeiras, tricoteiras, chuliadeiras. Atividades que têm maior proximidade com o universo definido como feminino do que com as atividades fabris identificadas como pertencentes ao universo masculino (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 28).



Assim, pensando o ofício do historiador como uma prática de tece-lagem, no qual o pensador da história constrói o seu enredo a partir da tessitura da narrativa, tramando narrativamente episódios que “entrelaçam como um tapete” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 23), é possível vislumbrar a atuação da Casa de Sergipe como um ateliê que produziu diferentes artefatos narrativos do passado local: biografias, preleções, retratos, bustos, obeliscos. Um ateliê que celebrou a história.

“O sentimento perpetuado no granito”: a história celebrada

Ao longo de sua trajetória centenária, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe atuou como um importante espaço de celebração da memória sergipana. Desde os primeiros anos após a fundação, nos idos de 1912, o sodalício tornou-se o ponto irradiador das memórias acerca dos “grandes episódios” e dos “grandes homens” de Sergipe, por meio da produção de textos biográficos, de preleções, da inauguração de bustos e retratos, ou, até mesmo com as campanhas para construção de monumentos públicos. Desse modo, no alvorecer do século XX, o IHGSE tornou-se responsável pela monumentalização de Aracaju, tornando-a cada vez mais uma cidade que reluzia uma memória topográfica dos heróis da terra. Como Itamar Freitas bem salientou,

O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, carinhosamente referido por alguns de seus sócios como “a casa de Sergipe”, nasceu da euforia cientificista da passagem do século XIX para o XX, encorpada pelos mais arraigados bacharéis, discípulos de Tobias Barreto (FREITAS, 2002, p. 14).

De acordo com o principal intérprete da historiografia sergipana, o IHGSE é resultante de dois fenômenos: a pulverização das ideias cientificistas no alvorecer do século XX e o entusiasmo dos herdeiros intelectuais de Tobias Barreto. Neste sentido, o ímpeto fundador do sodalício é marcado pelo culto à imagem dos grandes homens de letras, por meio de narrativas que caracterizavam o espaço sergipano pela inteligência do seu povo, notadamente, os intelectuais. O historiador Ibarê Dantas relaciona a inspiração de fundação do instituto com os burburinhos nos preparativos das comemorações de inauguração do monumento Fausto Cardoso:

Às vésperas da fundação do IHGSE, a imprensa noticiava os preparativos para a inauguração do monumento a Fausto Cardoso, inclusive a chegada de artistas que vinham preparar o pedestal da escultura, que seria inaugurada em 09.09.1912, após a trasladação dos restos mortais do líder da Revolta de 1906 e do popular que morreu junto com ele em decorrência do movimento revoltoso. Foi uma cerimônia revestida de



muita emoção que atingiu ápice quando Gumersindo Bessa concluiu seu discurso asseverando: “Fica na tua glória (...) e se uma convulsão da natureza ou um espasmo da política arrastar este monumento, terá eterno sacrário no coração de cada um dos sergipanos”.

Foi nesse ambiente que Florentino Teles de Menezes (1886-1959), um jovem idealista de 26 anos, teve a ideia de criar o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (DANTAS, 2014, p. 30).

O cotidiano institucional foi marcado pela realização de celebrações, da evocação de homens e episódios do passado, por meio de homenagens a lideranças políticas, artistas e homens de letras vivos e falecidos. É possível afirmar que o IHGSE se tornou o panteão dos heróis sergipanos e contribuiu para forjar uma identidade estadual pautada na imagem do sergipano intelectual, reconhecido em outras plagas, ou seja, uma identidade centrada na inteligência e que referenda o prestígio dos intelectuais na arena política. A recuperação da memória dos grandes homens sergipanos no âmbito do IHGSE mobilizou diferentes sócios, que operacionalizaram seus artefatos documentais na produção de narrativas em suportes distintos, como os bustos, retratos e a palavra. De acordo com Ibarê Dantas:

Além das reuniões ordinárias frequentadas pela diretoria, havia sessões extraordinárias e/ou solenes, às quais compareciam autoridades, senhoras e senhoritas, constituindo-se por vezes em acontecimentos sociais destacados pela imprensa.

A sociedade, que nem sempre tinha consciência da relevância da informação sobre os fatos acontecidos num passado mais distanciado, foi se dando conta de sua significação e passou a empenhar-se para evitar o esquecimento. Os retratos, os bustos, as estátuas apareciam dentro de uma estratégia de evitar o olvido de figuras exemplares. Essa iniciativa atingia tanto vivos, como foi o caso de Siqueira de Menezes, como mortos, a exemplo do que ocorreu com Inácio Joaquim Barbosa, o governante que transferiu a capital de São Cristóvão para Aracaju em 1855.

(...) Na reunião de 08.10.1912, foi apresentada a sugestão de palestras mensais sobre personagens sergipanas, ideia aprovada que chegou a ser implementada em alguns momentos (DANTAS, 2014, p. 61).

A árdua luta contra o esquecimento foi uma das principais ações empreendidas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe nos primeiros anos após a fundação. Uma batalha travada a partir de exercícios que vislumbravam o reconhecimento dos feitos dos sujeitos históricos tidos como “notáveis”, dignos de serem eternizados. Tais ações também refe-



rendavam a polifonia política vigente entre os sócios do sodalício, como pode ser observado na presença de alguns representantes entre os líderes que se mobilizaram para a inauguração da estátua do monsenhor Olímpio Campos (DANTAS, 2012, p. 78). Esse projeto de preito à memória também foi pensado a partir da interlocução com intelectuais de outras plagas. As visitas intelectuais foram usadas como estratégia de reconhecimento do instituto e de divulgação do prestígio de seus sócios. Nos idos de 1917, o IHGSE recebeu a visita de nomes como José Francisco da Rocha Pombo, Galdino Guttman Bicho e Francisco Ignácio Marcondes Homem de Melo. Décadas depois, o sodalício receberia com o mesmo entusiasmo o folclorista norte-rio-grandense Câmara Cascudo, nas efemérides de Sílvio Romero (DANTAS, 2019).

No caso das efemérides em homenagem ao fundador de Aracaju, Inácio Barbosa, o primeiro ato ocorreu com a cerimônia de abertura do sarcófago, na capela de São Salvador, primeiro templo edificado na nova capital. No evento estiveram presentes as principais autoridades políticas, militares, religiosas e intelectuais do estado de Sergipe. De acordo com a ata, publicada na Revista do IHGSE,

Aos vinte e nove dias do mês de janeiro de mil novecentos e dezessete, nesta cidade de Aracaju, na capela de São Salvador, pelas 14 horas, presentes: o intendente deste município, dr. Alexandre Freire, os representantes de toda a imprensa local, o dr. Firmo Freire, engenheiro militar e constructor do monumento que a cidade está erigindo ao seu heroico fundador, o padre Abílio Mendes, representante do exmo. e rvm. sr. bispo de Aracaju, o coronel Jacundino Filho, o 1º secretário do “Instituto Histórico e Geographico de Sergipe”, bacharel Luiz José da Costa Filho, representante daquela scientifica instituição e de seu presidente desembargador Manoel Caldas Barretto Netto, o senhor Joaquim Lins de Carvalho, representante do coronel José da Silva Ribeiro e do dr. Francisco de Barros Pimentel Franco, foi aberto o sarcóphago que continha, há cincoenta e nove annos, os ossos do dr. Ignacio Joaquim Barbosa; e sendo à vista de todos os presentes aberta a urna de folhas de Flandres, que foi encontrada no interior do referido sarcóphago de mármore, nella se acharam mais ou menos perfectos o craneo e os principaes ossos, sendo que os demaes estão em mau estado de conservação, quasi reduzidos a pó.

Em presença de todos e em voz clara e segura, o dr. Alexandre Freire fez entrega da urna que continha os referidos ossos ao padre Abílio Mendes, para que sob a sua guarda e responsabilidade ficassem até o dia 17 de Março vindouro, quando serão trasladados solememente para o pépetuo jazigo do Monumento.



Os mármores que compunham o sarcóphago, foram mandados pelo engenheiro militar Firmo Freire para ficarem na base do referido Monumento.

Em fé do que, lavrei a presente acta, que vae assignada por mim e por todos os demais presentes.

Aracaju, aos 29 de janeiro de 1917 (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE, 1917, p. 25-26).

O documento histórico referenda algumas questões relevantes acerca do processo de formação cívica em Sergipe nos primeiros anos republicanos, como a aproximação entre autoridades civis, militares e religiosas, a ênfase em uma religião cívica, com o culto aos grandes heróis, além da busca da visibilidade, por meio da presença de setores da imprensa local, com nomes de jornalistas como Clodomir Silva (do impresso *O Estado de Sergipe*), Onésimo Araújo Pinto (*Correio de Aracaju*), Virgílio Maynard (*Diário da Manhã*), José Domingues Ludovice (Século XX), Odilon Machado e Simeão Vasconcellos (*O Tagarella*), João de Araújo Lopes (*O Democrata*) e José de Souza Júnior (*Jornal do Povo*). Desse modo, assim como os exames finais das escolas, a abertura do sarcófago foi publicada nos jornais da cidade, criando a expectativa para o grande evento que ocorreria no dia 17 de março, dia da mudança da capital. Ao longo da Primeira República, a imprensa exerceu o relevante papel de vitrine das ações do Estado e das atividades dos governantes republicanos.

Isso pode ser lido como uma estratégia de promoção do culto a determinadas figuras. Monumentalizar um sujeito histórico implicava em levá-lo para as páginas da história, no espaço público. Neste vínculo entre a celebração e a história, cabe-nos voltarmos para a provocante questão de Mona Ozouf: “a festa comemorada é, ao menos, uma festa em que a consciência da história se aviva e se fortifica?” (OZOUF, 1976, p. 224). Possivelmente, no caso das festas em torno da figura de Inácio Barbosa, esse foi o mote central e a resultante, em certo ponto, foi imediata, com a maior inserção do nome do fundador da cidade nas ações de instrução cívica, principalmente, no espaço escolar. Figuras históricas emblemáticas tornaram-se, paulatinamente, um importante recurso retórico no processo de difusão da cultura política republicana. Com isso, torna-se salutar pensar as festividades cívicas no âmbito defendido por Ozouf:

Toda comemoração vive da afirmação obsessiva do mesmo. Os programas das festas, os planos para os cortejos, os projetos de monumentos e os discursos martelam quatro afirmações pelo menos: de que nos honramos de ser os mesmos (entre eles), nós somos todos os mesmos (entre nós), nós somos sempre os mesmos que antes, nós permaneceremos os mesmos. Não há comemoração sem este conjunto, sem este permanente conjunto (OZOUF, 1984, p. 143).



Em Aracaju, as festas alusivas ao fundador da cidade ocorreram nos dias 17, 18 e 19 de março de 1917, ou seja, na semana de comemoração da mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju. É um indício de como as homenagens ao herói morto refletiam uma retórica que reafirmava a centralidade política da capital sergipana. O elogio ao morto partia de sua obra emblemática: a nova cidade. O programa das festas de inauguração do monumento Inácio Barbosa expressava a intersecção entre civismo, engajamento intelectual, instrução histórica e valorização dos espaços mnemônicos:

Monumento Ignacio Barbosa

Programma das festas

Iniciativa do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe

Dia 17 de Março de 1917.

12 horas: - Trasladação solenne dos restos do fundador desta cidade, do seu actual sarcóphago, na Matriz de São Salvador para o perpétuo jazigo do Monumento.

13 horas – Bênção ministrada pelo exemo. e revmo. sr. bispo de Aracaju ao Monumento.

Inauguração do mesmo, que será declarada e feita pelos exmos. Srs. Presidente do Estado, presidente effectivo do Instituto, bispo de Aracaju e barão Homem de Melo.

Serão oradores: o dr. Prado Sampaio, que fará entrega do Monumento em nome do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe ao Município de Aracaju, e Enock Santiago, que agradecerá em nome do Município.

20 horas – Sessão solenne e extraordinária do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe.

Posse do Barão Homem de Melo de sócio honorário do “Instituto”. Conferência do Barão Homem de Mello sobre a cidade de Aracaju. Saudará o barão em nome do “Instituto” o dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles.

Dia 18 de Março de 1917

12 horas – Recepção ao barão e baroneza Homem de Mello no Paço Municipal. Em nome do Município falará o dr. Costa Filho, saudando os nobres hospedes.



15 horas – Inauguração do “Grupo Escolar Barão de Maroim”.

Serão oradores: - o engenheiro militar tenente Firmo Freire, fazendo a entrega do novo estabelecimento ao Governo do estado e o director da Instrução Pública, em agradecimento.

21 horas: - Recepção no Palácio presidencial oferecida pelo Governo do Estado ao barão e baroneza Homem de Mello.

Dia 19 de Março de 1917

12 horas: Inauguração do Jardim da praça 24 de outubro e das oficinas da Penitenciária, pelo sr. dr. Deodato Maia, chefe da polícia.

16 horas: chá oferecido ao barão e baroneza Homem de Mello pelo capitalista Sabino Ribeiro em sua residência (CORREIO DE ARACAJU, 30.01.1917, p. 1).

A semana de inauguração do monumento Inácio Barbosa foi consideravelmente movimentada, com a mobilização de uma parcela considerável dos intelectuais do estado na realização de falas de recepção e de homenagens.³ No programa das festividades estavam inclusas, além do monumento do fundador da cidade, a inauguração do jardim da praça 24 de outubro e do Grupo Escolar Barão de Maroim. Em decorrência dos atrasos da obra, o referido grupo só foi inaugurado no dia 8 de julho de 1917, nas comemorações da emancipação política de Sergipe (SANTOS, 2005, p. 32). A inauguração do monumento tornou-se então um dos mais expressivos eventos realizados pelo IHGSE nos seus primeiros anos. De acordo com o historiador Ibarê Dantas, em sua monumental “História da Casa de Sergipe”,

O acontecimento revestiu-se de grande solenidade. Todos os Institutos do Brasil ou enviaram representantes ou constituíram-nos com autoridades locais. Além da missa e da cerimônia de transladação dos restos mortais do sarcófago original para o jazigo do monumento, houve conferências no recinto do Instituto, contando com personalidades de destaque, entre as quais o mais referenciado foi o historiador e geógrafo paulista barão Homem de Melo, hóspede oficial do Estado, que também falou para o público e foi homenageado. O IHGSE, imortalizando o acontecimento, consagrou o número 7 de sua Revista à memória de Inácio Joaquim Barbosa, incluindo a descrição da cerimônia e as falas dos oradores (DANTAS, 2014, p. 78-79).

3 De acordo com Renaldo Ribeiro Rocha, “o obelisco de granito e bronze em homenagem a Inácio Joaquim Barbosa, em Aracaju, em 1917” (ROCHA, 2019, p. 175). Em 1917, o monumento foi inaugurado na Praça José de Faro. Somente em 1951 ele foi transferido para a Praça Inácio Barbosa (Mini Golfe), em decorrência da Lei 33/1951 (BARRETO, 2005).

O evento foi grandioso e contou com a presença de representantes de todas as instituições congêneres do país. Homens de letras que, em diferentes momentos, ocuparam a tribuna e construíram facetas do herói da cidade. A retórica somava-se ao granito para eternizar a e memória de um sujeito histórico. Entre os intelectuais elencados, Ibarê Dantas chama atenção para o papel desempenhado pelo barão Homem de Melo, que esteve presente em praticamente todas as solenidades e tornou-se sócio honorário do IHGSE. De acordo a Mensagem do Presidente de Sergipe de 1917:

Em 17 de Março do corrente anno, data anniversaria da fundação da cidade de Aracaju, foi solenemente inaugurado, no jardim Olympio Campos, um artistico monumento em memória do seu fundador, como Presidente da antiga Província, Dr. Ignacio Joaquim Barbosa, a cuja vigorosa iniciativa se deve sua imediata elevação a Capital da Província. Durante alguns dias e expressamente para tomar parte nessa solenidade esteve como hospede do Estado, onde foi recebido festivamente e com o acatamento devido ao seu valor moral, social e scientifico, o Exm^o Barão Homem de Mello (SERGIPE, 1917, p. 3).

Jardins e monumentos constituíam um importante instrumento retórico da política republicana. Implicavam na junção dos discursos de embelezamento dos espaços públicos, das políticas higienistas e do soerguimento da memória cívica. De acordo com o IHGSE, as festas foram realizadas “com fulgor extraordinário”. Assim, no dia 17 de março de 1917, ocorreu a inauguração do terceiro grande monumento de Aracaju:⁴

Aos desessete dias do mês de Março de mil novecentos e desessete, nesta cidade de Aracaju, capital do Estado federado de Sergipe, pelas dez horas, presentes os Exmos. Srs. General Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão, Presidente do Estado, Desembargador Manoel Caldas Barretto Netto, Presidente do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe, Barão Homem de Mello, Dr. Alexandre Freire, Intendente da Capital, D. José Thomaz Gomes da Silva, Bispo de Aracaju, representantes de todos os Institutos Históricos e Geographicos do Brazil, delegados de nossos representantes no Senado e na Câmara Federal, todo o mundo official e numerosa multidão popular, foi solennemente inaugurado o Monumento de granito e bronze, que por iniciativa do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe, a gratidão dos sergipanos erigiu ao benemérito e heroico fundador de Aracaju, Doutor Ignacio Joaquim Barbosa.

Na base exterior do Monumento foi collocada uma rica urna de madeira de lei, bem trabalhada, com ornamentos de pra-

4 Os dois primeiros grandes monumentos de Aracaju foram o de Fausto Cardoso (PRADO, 2006), inaugurado em 1912 e de Olímpio Campos, inaugurado nos idos de 1916 (PRADO, 2010).



ta, dentro da qual encontra-se outra de bronze, onde estão os preciosos ossos do insigne homenageado, os quaes foram para alli trasladados com a máxima solennidade, da capela de São Salvador, onde há muitos annos se achavam guardados em um modesto sarcophago de marmore.

Depois de solennemente inaugurado o Monumento foi entregue ao Município de Aracaju, que o recebeu, comprometendo-se o Sr. Intendente de conserva-lo com todo o respeito e carinho (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE, 1917, p. 27-28).

Finalmente, 62 anos após o falecimento, o fundador da capital sergipana era homenageado, em uma iniciativa capitalizada pelos sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Ficava assim “perpetuado no granito o sentimento nobre de gratidão de um povo inteiro que aclama um immortal”. No processo de invenção de tradições históricas, a data escolhida para a inauguração do monumento não foi a do falecimento heroi immortalizado no granito e bronze, mas sim, o dia de seu feito mais glorioso, o da mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju. Essa não foi uma escolha de acaso, pois a monumentalização do heroi sem face (considerando-se o fato de não ser conhecida pintura ou fotografia do presidente), tinha por justificativa a exitosa mudança da sede administrativa de Sergipe. Era um canto à cidade. A cidade que recebia um monumento digno de sua modernidade. A data de falecimento de Inácio Barbosa só seria lembrada pelo IHGSE nos idos de 1955, quando em nome do sodalício, Bonifácio Fortes realizou uma conferência sobre o centenário de falecimento de Barbosa, no dia seis de outubro de 1955 (FORTES, 1958, p. 81). Assim, em sua data natalícia, Aracaju recebia o monumento ao seu fundador sem face, ou de face oculta. Confira a Figura 1



Figura 1

Monumento a Inácio Barbosa em 1917



Fonte: Revista do IHGSE, 1917

O monumento a Inácio Barbosa destoava dos seus congêneres, inaugurados em Aracaju, nos anos anteriores, que apresentavam os respectivos heróis de forma ativa, voltando-se para o povo. O herói da cidade de Aracaju, desprovido de registros iconográficos conhecidos, foi homenageado na forma de um obelisco. Era uma colunata que avançava sobre



a cúpula celeste, simbolizando superioridade, defesa e proteção. Além de ser um monumento que forjava a memória de um herói desprovido de imagem conhecida, o obelisco recorria ao recurso retórico para forjar a memória que deveria ser espelhada na sociedade sergipana. Assim, o verbo unia-se ao granito e bronze para moldar o homem, por meio da inscrição dos dados biográficos e da transcrição do decreto de mudança da capital. O monumento erguia-se assim como um recurso pedagógico que fomentava o culto cívico ao herói e a reverência ao seu grande feito: a mudança da capital. O Diário da Manhã publicou a notícia sobre a inauguração e ressaltou o potencial pedagógico do monumento:

Olhando o monumento que figura, ali, no jardim da praça 'José de Faro', em homenagem ao finado dr. Ignacio Barbosa, fundador da cidade de Aracaju e pensando na fragilidade de tanta cousa que se faz em a nossa capital, auguramos que as gerações d'esta cidade se succederão animadas todas no mesmo amor e respeito pela memória augusta que será oficialmente consagrada, e os annos arrolados sommarão conta intérmina para a recordação de quem tanto nos deve merecer (DIÁRIO DA MANHÃ, 17.03.1917, p. 1).



No estado que cantava a inteligência de seus intelectuais como principal característica identitária, o monumento era a estrutura que elevava as palavras que cingiam o seu herói. Um herói tecido como uma colcha de retalhos, por meio de fragmentos de memórias, urdidas pelos artífices no intuito de se forjar sentido e de torná-la funcional no tempo presente: um monumento que deveria aconchegar o ânimo dos sergipanos. Um monumento que simbolizava a gratidão da capital que “resgata do silêncio de um túmulo o vulto do homem que a criou” (DIÁRIO DA MANHÃ, 17.03.1917, p. 1). Mas quais artífices foram mobilizados na tecelagem do herói?

Os artífices da história

Nos dias de festividades em torno do monumento a Inácio Barbosa foram mobilizados importantes pensadores da história na realização das inúmeras conferências e discursos. Na festa da memória, de evocação do passado e de tecelagem da trama biográfica, cinco notáveis intelectuais proferiram discursos: Luiz José da Costa Filho, Enock Santiago, Joaquim do Prado Sampaio, Manoel dos Passos de Oliveira Telles e Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo. Esses cinco homens atuaram como teceções que enredaram o passado sergipano, entrecruzando com os fios biográficos de Inácio Barbosa. Eles foram os artífices da história na produção de leituras atinentes ao herói da terra.

Um jovem artífice da história sergipana era Luiz José da Costa Filho. Era um intelectual nascido em Propriá, mas que tinha como seu principal

espaço de atuação a capital sergipana, com amplo envolvimento na imprensa. De acordo com Liberato Bittencourt, tratava-se de um “Poeta e jornalista. Nasceu em Propriá, a 3 de outubro de 1886. Esteve matriculado na academia de direito. Foi deputado estadual várias vezes, e é jornalista de mérito incontestável” (BITTENCOURT, 1913, p. 174). Além disso, ele descreveu o aspecto intelectual e moral do pensador da história:

Costa Filho é de média estatura mas de forte compleição. Fez-se por si próprio. Além de notáveis qualidades intelectuais, tem ao seu dispor valiosos predicados de caráter. É um homem honesto e nobre, major da guarda nacional, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (BITTENCOURT, 1913, p. 175).

Nos idos de 1917, momento da inauguração do monumento, Costa Filho encontrava-se matriculado na Faculdade de Direito da Bahia, onde concluiu o curso no final do mesmo ano. Além disso, atuava como docente adjunto da cadeira de História e Geografia do Colégio Atheneu Sergipense, desde outubro de 1916. Como docente de história na principal instituição de ensino no estado, Costa Filho também se notabilizou por sua escrita acerca das coisas do passado local, notadamente, escritos biográficos (Tobias Barreto e Horácio Hora) e alguns textos discutindo aspectos teóricos da história, como a validade da teleologia. De acordo com Armindo Guaraná, ele atuou em importantes sociedades acadêmicas:

Sócio do “Grêmio Beneficente” da Faculdade de Direito da Bahia, de cuja diretoria fez parte em 1914; membro correspondente da “Academia Latina das Ciências, Artes e Belas Letras”, de Paris; da “Sociedade Acadêmica de História” de França; do “Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros”; sócio efetivo da “Sociedade de Ciências” da Itália; correspondente das “Academias Amazonense” e “Alagoana de Letras”; da “Sociedade de Geografia” do Rio de Janeiro; do “Instituto Geográfico e Histórico” da Bahia; da “Academia Físico-Química Italiana” de Palermo, da qual tem medalha de ouro de mérito científico; do “Instituto” do Ceará; dos “Institutos Históricos e Geográficos” do Espírito Santo e Minas; sócio honorário do “Instituto Histórico e Geográfico” de Sergipe, de cuja diretoria fez parte durante muito tempo e à qual prestou não pequenos serviços, e do “Clube Literário Silvío Romero”, de S. Paulo (Sergipe) (GUARANÁ, 1925, p. 378).

Nas comemorações da semana da mudança da capital e de inauguração do monumento a Inácio Barbosa, Costa Filho esteve presente em todos os eventos. Em decorrência do seu cargo de primeiro secretário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, ele tornou-se o responsável pelo registro das solenidades, por meio da escrita das atas e da ampla divulgação do evento na imprensa. Dos cinco discursos proferidos ao longo



da semana, o de Costa Filho foi o mais breve e também o que teve menor público. Ele foi o responsável pelas palavras de saudação do barão Homem de Melo na recepção no Paço Municipal de Aracaju, as doze horas do dia 18 de março de 1917.

Enock Santiago era o mais jovem dos pensadores da história que discursaram no evento. Nascido em Lagarto, nos idos de 1892, era um intelectual engajado na Liga Sergipense contra o Analfabetismo, temática que foi alvo de vários de seus escritos na Revista do IHGSE e de pronunciamentos. Além disso, também teve certa inserção na imprensa sergipana, com a publicação de artigos sobre variadas questões, como poesia, música, cinema e história.

No âmbito institucional, além da Liga Sergipense contra o Analfabetismo, Enock Santiago também ocupou cargos no afamado Gabinete de Leitura de Maruim e no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. O biógrafo Armindo Guaraná afirmou que ele,

Foi secretário e orador do Gabinete de Leitura da mesma cidade. Por decreto de 16 de setembro de 1918 foi nomeado 3º escriturário da Recebedoria do Estado. É sócio do Gabinete de Leitura de Maruim, seu secretário e orador, e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e quartanista da Faculdade da Bahia (GUARANÁ, 1925, p. 134).

A presença de Enock Santiago entre os artífices convocados para a fabricação do herói fundador de Aracaju não pode ser vista como uma surpresa, pois não se tratava de um novicho no tema. Ainda em 1915, Santiago subiu à tribuna do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e expôs a conferência sobre “Inácio Barbosa e a cidade de Aracaju”. Desta feita, tratava-se de um artífice que já conhecia a matéria prima, ou seja, já havia vasculhado os arquivos em busca de vestígios acerca da personagem histórica e tecido os primeiros enredos biográficos. Ele foi o responsável por um dos discursos no ato de inauguração do monumento.

Dois dos artífices da história elencados eram sócios fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe: Joaquim do Prado Sampaio e Manoel dos Passos de Oliveira Telles. Tratavam-se de intelectuais com ampla inserção na vida cultural sergipana, ao longo dos primeiros decênios do século XX, e reconhecidos entre os homens letrados de Sergipe pelos escritos no campo da história.

Joaquim do Prado Sampaio Leite nasceu em Aracaju, em 1862, poucos anos após a mudança da capital. Era bacharel, formado pela Faculdade de Direito de Recife em 1889 e, assim como grande parte dos seguidores da Escola do Recife, tornou-se um estudioso da filosofia, com inúmeros textos publicados na imprensa aracajuana. Liberato Bittencourt o descreve como um homem inteligente e cultor da ciência:



Foi deputado à constituinte sergipana e hoje advoga em Aracaju e ocupa o cargo de professor de direito público e de lógica no Ateneu sergipense. Homem de baixa estatura e forte constituição, dispo de inteligência e de cultura assim literária como filosófica, cultiva com ardor a ciência das ciências, e com vantagem as belas letras. Colaborou em quase todos os jornais de Sergipe, e no Jornal do Recife, quando ainda acadêmico (BITTENCOURT, 1913, p. 134).

Além disso, notabilizou-se por seus escritos acerca do folclore, contribuindo para a ampliação de um campo de investigação fortalecido no estado pelas pesquisas de Silvio Romero. Tais estudos coadunavam com seus escritos acerca do que Itamar Freitas denominou “construção e da conservação de alguns mitos formadores de Sergipe. Políticos e intelectuais foram os personagens privilegiados” (FREITAS, 2007, p. 177). Segundo o verbete do Dicionário de Armindo Guaraná:

Dotado de grande pendor para os estudos filosóficos, neles tem revelado o seu grande talento, apesar da insuficiência do meio em que vive. Literato e crítico de espírito culto é também poeta de real merecimento, demonstrado em trabalhos que correm impressos. Retraído por gênio, poupa-se ao bulício do meio em que vive, isolando-se em casa, onde deleita com uma palestra erudita os que consigo privam (GUARANÁ, 1925, p. 289).

Prado Sampaio também se destacou como estudioso da geografia sergipana e na produção de textos biográficos dos fundadores da Escola do Recife, principalmente, Tobias Barreto e Silvio Romero. Nos idos de 1917, ele foi o responsável pelos discursos de recepção de dois ilustres visitantes: Rocha Pombo e barão Homem de Melo. Também na condição de orador do IHGSE, ele proferiu o discurso na inauguração do monumento Inácio Barbosa.

O segundo proeminente artífice da história, assim como parte considerável dos sócios do IHGSE na primeira metade do século XX, era um tobiático. Tratava-se de Manoel dos Passos de Oliveira Telles. Itamar Freitas o considera, com razão, um “precursor de uma história da cultura local” (FREITAS, 2007, p. 149). Além de desbravador nos estudos da história da cultura, Manoel dos Passos também se destacou como um dos mais festejados pensadores da história em Sergipe dos primeiros decênios do novecentos. Liberato Bittencourt assim o qualifica:

Magistrado, poeta, historiógrafo, lingüista e professor de alto mérito, o mais operoso talvez dos escritores sergipanos que não abandonaram Sergipe, porventura aquele que melhor lhe conhece a língua, a poesia, os costumes, as tradições, a geografia e a história. Nasceu na tristonha vila de Socorro, por trás da Igreja do Amparo, a 29 de agosto de 1860. Passando



para Propriá e depois para Aracaju, aí começou o seu curso de humanidades, estudando em 1871 latim com seu pai, exímio latinista, o padre Antonio Moniz Teles e também com o professor Antonio Diniz. Em 1878 seguiu para o Rio, disposto a se formar em engenharia. Circunstancias imperiosas, porém, o forçaram a mudar de rumo, e ele formou-se em direito no Recife, em 1885. Discípulo de Tobias, a este deve sua entrada na vida pública, no mesmo ano da formatura, como promotor público de Mossoró (BITTENCOURT, 1913, p. 186).

No segundo decênio do século XX, já na condição de sócio e integrante da diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Manoel dos Passos de Oliveira Telles investiu na escrita biográfica e nos episódios históricos da formação do espaço sergipano. Nos escritos biográficos ressoaram os textos esparsos acerca dos mitos fundadores da intelectualidade sergipana: Tobias Barreto, Silvio Romero e Gumersindo Bessa. No tocante à formação do espaço sergipano, o enredo traçado por Telles teve como escopo a conquista de Sergipe e a polêmica questão dos limites entre o referido estado e o da Bahia, pauta central dos embates intelectuais até 1922. O contemporâneo Armindo Guaraná, o qualificou como um intelectual de palavra fácil:

Versado nas línguas grega, latina, inglesa e francesa, difícil não lhe foi ilustrar-se, assimilando conhecimentos científicos, de que são ricas as literaturas dos povos cujos idiomas conhece. Discípulo entusiasta do grande Tobias Barreto, possui também o dom da palavra fácil na oratória, empolgando os que lhe ouvem nas justas da tribuna (GUARANÁ, 1925, p. 407).

O elemento exógeno nesta plêiade de artífices sergipanos da história era o consagrado intelectual do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, conhecido na época pelo seu título nobiliárquico, barão Homem de Melo. Tratava-se do mais experiente artesão das coisas passadas. Era um intelectual que teve uma ampla inserção nos fazeres históricos da segunda metade do século XIX, fosse como docente de história no Colégio Pedro II, fosse como sócio do IHGB. O biógrafo Odilon Nogueira de Matos apresentou,

Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, Barão Homem de Melo, nasceu em Pindamonhangaba, São Paulo, a 19 de maio de 1837 e faleceu a 4 de janeiro de 1918 na localidade fluminense de Campo Belo, posteriormente, em sua homenagem, denominada Homem de Melo. Diplomando-se em 1858 pela Faculdade de Direito de São Paulo, exerceu a advocacia em sua cidade natal, onde foi presidente da Câmara Municipal. Passando a residir no Rio de Janeiro em 1861, foi, nesse mesmo ano, nomeado professor de História Antiga e Medieval do Colégio Pedro II. Exonerou-se em 1864, para vir ocu-

par a presidência da Província de São Paulo. Posteriormente, presidiu as províncias do Ceará (1865-66), Rio Grande do Sul (1867-68) e Bahia (1878) (MATOS, 1973, p. 223).

Assim como outros pensadores da história brasileira do período entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, como Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, Capistrano de Abreu e João Ribeiro, o barão Homem de Melo empreendia o seu ofício de historiador entre a sala de aula, a escrita e as preleções nas tribunas das instituições culturais e científicas de seu tempo. Na recepção do Paço Municipal de Aracaju, Costa Filho o apresentou como “o nome polido e luzente como um diamante, de Homem de Mello, sobre ser uma das joias da nossa história política, é também um padrão de sabedoria da nossa cultura científica e literária” (COSTA FILHO, 1917, p. 77). Esse saber foi convocado para arrolar os fios de memórias no intuito de tecer o enredo do herói nas tribunas sergipanas, apenas dez meses antes do falecimento.

147



“Inscripto o teu nome entre os preclaros brasileiros”: a biografia nas tribunas

A semana de comemoração da mudança da capital sergipana, em 1917, foi celebrada de forma efusiva, com a realização de desfiles cívicos, envolvendo alunos das principais instituições educacionais da cidade e a preleção de alguns dos mais renomados homens de letras do estado. Ao subir a tribuna, a história foi apresentada. O enredo foi exibido, em tons de dramaticidade, no qual o verbo tingia em cores fortes e vibrantes a face do herói. A história de Aracaju confundia-se com a trajetória de seu fundador. O espaço urbano podia ser sintetizado como o feito de um homem.

No ateliê da história sergipana, os escritos biográficos constituíam um campo privilegiado de atuação de seus artífices. Tratava-se de uma produção que exigia mãos habilidosas, que escolhiam a matéria-prima, recortavam questões de interesse público e cívico-pedagógico. Narrava-se o que era considerado de interesse para a formação da nação. A biografia dos homens de outrora deveria refletir os desejos atinentes aos homens do povir. Neste caso, a tecedura de uma biografia era comprometida com o desejo de amanhã, com a formação de um cidadão moldado nos homens exemplares do ontem. Essa urdidura de homens notáveis na construção do porvir exigiu o árduo trabalho de opífices na Casa de Sergipe. De acordo com Itamar Freitas, “curiosamente, no período em que decai no IHGB, a biografia ganha fôlego na casa recém-criada em Sergipe” (FREITAS, 2002, p. 41).

A escrita biográfica emergia como um dever para os artesãos obreiros do passado que tinham por ateliê a Casa de Sergipe. Na recepção do barão Homem de Melo como sócio honorário do IHGSE, Manoel do Passos de Oliveira Telles descreveu o papel exercido pelo sodalício na sociedade sergipana,

Este Instituto, idéia e fundação patriótica de um moço acadêmico já aclamado no mundo estrangeiro como philosopho e notável escriptor, para assim dizer, exerce uma funcção da vida espiritual do povo sergipano. O povo só tem um grito eloquente, nas conjecturas de entusiasmo, que é aquelle que acclama (TELLES, 1917, p. 66).

O sodalício emergia assim, no âmbito retórico do orador, como o grito sergipano que aclamava os episódios mais notáveis de sua história, os heróis que deveriam servir de exemplo para as novas gerações. Era o espaço privilegiado do entusiasmo nos fazeres científicos do estado. Como Manoel dos Passos de Oliveira Telles bem expressou, o “Instituto é a arca sagrada da história e das tradições do povo sergipano. Entrae para elle porque carecemos do vosso saber e do vosso auxilio; entrae para elle porque todo o engrandecereis; e todos os respeitos nós vos tributamos” (TELLES, 1917, p. 66).

Na retórica do orador da Casa de Sergipe, o elogio desloca-se como a agulha em um tear, os fios nas mãos de um habilidoso artesão, que costura a imagem do IHGSE como espaço da produção dos saberes históricos e, concomitante, reconhece a expertise do mestre e a necessidade de aprender os fazeres de tear o passado. Assim, ele buscou “falar com certa independência de homem de letras” (TELLES, 1917, p. 67), apresentando ao novo sócio as proezas do “templo da sciencia”. Mas como poderia um artífice da história aprender com seu mestre mais experiente? Como se dava a formação de pensadores da história em tempos anteriores aos cursos de graduação em História? Certamente, se tratava de uma formação pautada no exemplo dos mestres. Manoel dos Passos revelou os caminhos:

Desde os tempos acadêmicos lhe destes sábias licções da História Constitucional Brasileira, porquanto foi em vossos volumes que elle se embebeu dessa volúpia de amor pelos factos de nosso passado. Parte da mocidade de então já hoje no acume da idade que branqueia, diviso em vós o historiador prudente e imparcial, mas historiador que narra, examina, critica e julga. A História não é só testemunha das edades, que depõe; é também o oráculo dos tempos; é a previsão lógica do futuro, a História como escrevera Goethe, é o tribunal do mundo (...). Mas a História é ainda, se me for permittido um conceito mataphysico, é o próprio desenvolvimento humano e das cousas humanas; o qual começou há millenios como primeiro rugido mais ou menos articulado do homem-fera das cavernas, ou para dizer com o Dr. Tobias Barreto desde que *o pittheconthropos fallou... et homo factus est*, sim desde esse remotissimo instante no passado até as raias da imensidade nos séculos que se succederam (TELLES, 1917, p. 68).

O artífice da história era formado a partir da observação de seus mestres. Por vezes, a partir de uma observação indireta, com a apreciação



dos artefatos produzidos, reconhecendo os traços centrais. Essa observação também poderia ser realizada de forma direta, como ocorreu com a apreciação de Manoel dos Passos acerca dos fazeres científicos de Tobias Barreto. A história conceituada como tribunal do mundo e que exigia de seus produtores critérios como a imparcialidade e crítica, era um apredizado herdado, um modo de fazer pautado na inspiração dos trabalhos anteriores. A história emergia como um enredo, traçado como uma epopeia, tingida de palavras que expressavam as ações pretéritas, pois “o drama da civilização, e esta sendo a História em ação, representa-se num grande cenário” (TELLES, 1917, p. 69).

Como um jovem artífice poderia agraciar o seu mestre? Como tecer o valor de um experiente artesão da palavra? Manoel dos Passos de Oliveira Telles trilhou o caminho de falar do mestre por meio dos seus fazeres.

149



Mas... expira o impulso intellectual que me anima... Fazendo em rapidos traços o elogio das sciencias que adoraes, Barão Homem de Mello, julguei melhor prestar um culto ao vosso saber e proferir a saudação que vos devo em nome do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe (TELLES, 1917, p.73).

Para Manoel dos Passos, ao falar sobre o ofício do historiador, sobre os fazeres históricos, elogiava-se o pensador da história. O homem confundia-se com o seu produto, com o artefato, como criador e criatura coadunadas e, neste caso, a forma mais apropriada de elogiá-lo seria discutir os pressupostos científicos que norteavam o seu ofício. Um caminho inverso ao de Costa Filho, que traçou de forma breve a biografia de Homem de Melo, caracterizando-o como uma fresta do passado que iluminava os homens de letras no presente. Assim, o “Barão com seus oitenta annos feitos é hoje uma nobre licção palpitante, que o passado nos legou, como se quizesse, através do tempo, tranmitir-nos o echo vivo de sua moral, de sua vida, de suas luctas e de seu pensamento” (COSTA FILHO, 1917, p. 78).

Na tribuna diante do monumento, Enock Santiago e Prado Sampaio cingiam o verbo no trançado biográfico. Santiago pautou-se na ideia de rompimento do silêncio entre a fundação da cidade e a entrega do monumento, tempo de espera no qual “a memória de Ignacio Joaquim Barbosa surgisse para a posteridade, na apothose brilhante do feito que este monumento as ignala” (SANTIAGO, 1917, p. 44). Ele também criticou a letargia de reconhecimento, pois “os restos mortaes do fundador permaneciam na humildade de um jazigo, que não condizia mais com a grandeza dos sentimentos de gratidão do povo sergipano” (SANTIAGO, 1917, p. 44-45). O lamento intellectual é apresentado como a voz do povo.

Os fios eleitos por Enock Santiago para tecer a biografia de Inácio Barbosa eram pautados nas virtudes morais. Elogiou-se o sentimento cívico do IHGSE, em seu ato enobrecedor de monumentalizar o herói da

cidade. Além disso, ele disse que “acresce ainda, para maior veneração de sua memória, que elle foi um martyr, victima do seu glorioso sonho de progresso” (SANTIAGO, 1917, p. 45). Sonhador e mártir, Inácio Barbosa foi traçado como um ícone do progresso, aquele que se sacrifica na efetivação de uma idéia, o homem que “fundou Aracaju nos brejos do rio Sergipe, por onde nós, os sergipanos, pudéssemos olhar para o resto do Brasil, mostrando-lhe a nossa cultura e a nossa civilização. Existe muita grandeza na obra deste homem” (SANTIAGO, 1917, p. 46).

No exercício biográfico de Santiago, herói e espaço foram fundidos como um único elemento, duas faces de uma mesma moeda. O progresso da capital sergipana era tido como o sinal indelével do êxito do projeto executado por Barbosa.

E esta foi a intenção do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe. Levantou este obelisco para que nunca, em tempo algum, calados fossem os louvores do benemérito administrador de Sergipe.

Não se lhe pode fundir no bronze a figura grandiosa de auzaz emprehendedor desta obra, que o futuro tanto glorifica.

Porque, meus senhores, existem neste mundo uns homens predestinados que não trabalham para seu tempo, trabalham para o futuro, e Ignacio Joaquim Barbosa foi um delles (SANTIAGO, 1917, p. 46).

Uma assertiva que costurava passado e futuro. Um herói usado como instrumento ou símbolo de um grupo político, que buscava no passado a inspiração para a modernidade desejada. O monumento era a representação da admiração de Sergipe, “é a mais preciosa reliquia de sua existência social, é o único patrimônio que é seu, seu pelo coração, porque representa a sua história, a sua honra, a sua tradição, a sua dignidade, o seu passado, o seu futuro, o seu progresso, a sua civilização” (SANTIAGO, 1917, p. 47).

Prado Sampaio teceu o seu enredo biográfico a partir do culto aos mortos entre os povos primitivos. Um culto que parte da paixão e que levou “ao fundo da consciência humana à luz da história, o sentimento da glorificação, o culto dos deuses e dos heróis, o preito de justiça que é tributar aos benfeitores dos povos, e cujas manifestações servem de pedra fundamental à religião da humanidade” (PRADO SAMPAIO, 1917, p. 41). Para Prado Sampaio, a ação corporificada pelo IHGSE de perpetuar no granito à memória de Inácio Barbosa pautava-se na idéia que “constata nos grandes homens os factores principaes da evolução social e política do povos” (PRADO SAMPAIO, 1917, p. 41). Neste caso, a história seria devedora da biografia e seria possível pensar a história da humanidade a partir das biografias de grandes homens, como foi pensado por Silvio Romero na virada republicana. Assim como



Santiago, Prado Sampaio associa o progresso de Aracaju ao êxito de seu fundador, ao dizer que a cidade “é o coração de Sergipe, marcando-lhe o rythmo da civilização de seu povo” (PRADO SAMPAIO, 1917, p. 43). De certo modo, os pensadores da história provincianos associavam a biografia ao espaço, cingia os traços da vida com a urbis praiana.

Contudo, essa prerrogativa não foi exclusiva dos sergipenses artífices da história. O mais experiente tecelão de passados envolvido no evento também atrelou um lugar significativo para os estudos biográficos em conferência realizada no dia 17 de março de 1917. Para ele, “radia sobre nossas frentes a luz immortal, que illumina os grandes acontecimentos” e Inácio Barbosa era o nome que “colloca adiante de nós uma das mais bellas páginas de vosso brilhante passado” (HOMEM DE MELO, 1917, p. 79). Contudo, esse capítulo da bela história não foi uma exceção, pois para o barão Homem de Melo “Sergipe tem em nossa história a nobre preeminência de ter sido sempre administrada por Presidentes, que ulteriormente se ostentaram entre os maiores estadistas do Império” (HOMEM DE MELO, 1917, p. 39).

Mas além de elucidar a trajetória de um herói topográfico, que fundia-se ao espaço urbano forjado em seu projeto, Homem de Melo buscou tecer a malha biográfica de Inácio Barbosa a partir de sua atuação parlamentar, com ênfase nos discursos. Sim, o artefato biográfico forjado pelo barão-historiador elucidava a matéria-prima, expressava os vestígios aos quais tinha recorrido para reconstituir o pensamento do herói silenciado. Registros documentais que foram publicados na Revista do IHGSE como anexo ao texto da conferência. Na tribuna da Casa de Sergipe, Inácio Barbosa foi biografado como um intelectual, autor de “um erudito discurso, que dá prova cabal de sua competência em assumptos de Fazenda” (HOMEM DE MELO, 1917, p. 80). No tocante à mudança da capital, o barão Homem de Melo afirmou:

O dr. Ignacio Joaquim Barbosa teve a fortuna de comprehender em toda a nitidez essa necessidade pública e de realiza-la com essa firmeza de ânimo, que é congênita a todos os caracteres rectos.

Rasgando em sua penetrante intuição os largos horizontes do vosso futuro, o dr. Ignacio Barbosa concitou contra si todos os implacáveis ódios e despeitos, que súbito se desfizeram em diatribes e impropérios contra seu inflexível patriotismo (HOMEM DE MELO, 1917, p. 82).

Mesmo ampliando a feitura do biografado para os aspectos intelectuais, o barão Homem de Melo incide sobre o espaço fundado, como um ato de bravura, que o elevava para a tribuna dos heróis. A cidade seria a prova incontestante de sua glória. Por esse motivo, Homem de Melo afirmou que Inácio Barbosa “ferido pela fatalidade que tão prematuramente lhe cortara a existência, também podia rejubilar-se em seus paroxismos repetindo: deixo uma filha immortal: Aracaju” (HOMEM DE MELO, 1917, p. 83). Aracaju era a primogênita de Inácio Barbosa, a herdeira que honrava a memória do pai-fundador.



No movimento crescente da civilização moderna, o elemento cosmopolita é o factor obriado de todas as grandezs e prosperidades. É esta a grande obra, que Ignacio Joaquim Barbosa conseguiu realizar. Por ella nos felicitamos sempre e cheios de respeito nos inclinamos ante sua augusta memória (HOMEM DE MELO, 1917, p. 84).

Em tempos nos quais os fazeres históricos buscavam identificar os caminhos da civilização, o barão Homem de Melo, artífice da história convidado para tecer a biografia de Inácio Barbosa, expressava como grande feito do herói a fundação de uma cidade que revelava os primeiros sinais de civilidade. Os ares cosmopolitas da capital referendavam o ethos visionário do fundador.

Considerações: “a história não ilumina senão os cimos dos acontecimentos”

152


Neste artigo busquei discutir como diferentes artífices da história foram mobilizados para impingir discursivamente uma imagem biográfica de Inácio Barbosa como herói da cidade de Aracaju. Um herói traçado no verbo, por meio da conferências e discursos proferidos entre os dias 17 e 19 de março de 1917. Um herói elevado a monumento, como uma lição pública de civismo no mármore e bronze do obelisco edificado em Aracaju.

Na escrita biográfica do herói, os episódios da história foram enfiados, traçados a partir dos anseios republicanos de formação de uma civilização constituída por cidadãos patrióticos e cívicos. A malha da memória foi tramada sob a inspiração dos princípios associados à civilização, modernidade e instrução cívica. Assim, edificou-se o herói, que serviria como vitrine das virtudes.

Neste ato de tear um enredo biográfico, emoldurado no monumento e nas tribunas da Casa de Sergipe, os artífices da história referendavam o papel desempenhado pelo sodalício nos fazeres históricos no estado ao longo dos primeiros decênios do século XX. Era a escrita da história, a iluminar os cimos dos acontecimentos. Se o passado reluzia a inspiração para o futuro, o presente gratificava com a existência de um ateliê de história, que congregava as mãos mais habilidosas no ofício do historiador.

Referências:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História**. São Paulo: Entremeios, 2019.

BARRETO, Luiz Antônio. **Fragmentos da História V**. 2005. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/fragmentos-da-historia-v/> . Consultado em: 03/05/2020.

BITTENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil: Sergipe**. Rio de Janeiro: Livraria Gomes Pereira, 1913.

CORREIO DE ARACAJU. Monumento Ignacio Barbosa. Ano X, nº 1987, 30 de janeiro de 1917, p. 1.

COSTA FILHO, Luiz José da. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº. 7, 1917, p. 77-78.

DANTAS, Beatriz Góis. Câmara Cascudo na terra de Sílvio Romero. **Revista da Academia Lagartense de Letras**. Nº 5, v. 1, 2019, p. 1-21.

DANTAS, Ibarê. A trajetória da Casa de Sergipe: 100 anos. In: ALBUQUERQUE, S. B. M.; SANTOS, M. F. J.; SANTOS, A. L. S. M. (Orgs). **História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE**. Aracaju: IHGSE, 2014, p. 29-44.

DANTAS, Ibarê. **História da Casa de Sergipe (1912-2012)**. São Cristóvão: EDUFS, 2012.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe República (1899-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

FORTES, Bonifácio. O Governo Inácio Barbosa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº 22, 1958, p. 81-104.

FREITAS, Itamar. **A escrita da História na “Casa de Sergipe” (1913-1999)**. São Cristóvão: EDUFS, 2002.

FREITAS, Itamar. **Historiografia sergipana**. Aracaju: EDUFS, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. **A República, a História e o IHGB**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

GOMES, Ângela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Diccionario Bio-bibliographico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.

HOMEM DE MELO, Francisco Ignacio Marcondes. **Atlas do Brazil**. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1909.

HOMEM DE MELO, Francisco Ignacio Marcondes. Conferência proferida pelo barão Homem de Mello, aos 17 dias do mês de março de 1917, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº. 7, 1917, p. 79-84.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE. Acta da Abertura do Sarcophago do Dr. Ignacio Joaquim Barbosa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº. 7, 1917, p. 25-26.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE. Acta da Inauguração do Monumento ao dr. Ignacio Joaquim Barbosa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº. 7, 1917, p. 27-28.

MATOS, Odilon Nogueira de. Vultos da Historiografia Brasileira: Barão Homem de Melo (1837-1918). **Revista de História**. V. 44, nº 89, 1972, p. 223-225.

OZOUF, Mona. A Festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.



OZOUF, Mona. **L'école de la France**: essais sur la revolution, l'utopie et l'enseignement. Paris: Gallimard, 1984.

PRADO, Giliard da Silva. Desvelando um monumento: representações e lutas políticas na construção da memória de Fausto Cardoso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N.º. 35, 2006, p. 45-74.

PRADO, Giliard da Silva. Política e religião amalgamadas no bronze: o monumento a Olímpio Campos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N.º. 40, 2010, p. 131-154.

PRADO SAMPAIO, Joaquim do. Discurso pronunciado pelo sr. dr. Prado Sampaio, no acto da inauguração do Monumento ao Presidente Barbosa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N.º. 7, 1917, p. 40-44.

ROCHA, Renaldo Ribeiro. A Grande festa do centenário da independência de Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N.º. 48, v. 1, 2018, p. 159-176.

SANTIAGO, Enock. Discurso proferido pelo sr. Enock Santiago, no acto da inauguração do Monumento. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N.º. 7, 1917, p. 44-48.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Além do silêncio**: espaço, arquitetura e educação no Grupo Escolar Barão de Maroim. São Cristóvão, 94f. Monografia (Graduação em História). UFS, 2005.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a invenção da historiografia sergipana. In: ALBUQUERQUE, S. B. M.; SANTOS, M. F. J.; SANTOS, A. L. S. M. (Orgs). **História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe**: os 100 anos do IHGSE. Aracaju: IHGSE, 2014, p. 107-156.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um operoso e erudito estudioso da história da nossa pátria”. **IHS: antigos jesuítas em Iberoamérica**. V. 7, n.º 2, 2019, p. 42-62.

SERGIPE. **Mensagem dirigida à Assembleia Legislativa de Sergipe pelo Presidente Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão por ocasião da abertura da sessão extraordinária em 20 de junho 1916**. Aracaju: Typographia O Estado de Sergipe, 1916.

SERGIPE. **Mensagem dirigida à Assembleia Legislativa de Sergipe pelo Presidente Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão por ocasião da abertura da sessão extraordinária em 20 de junho 1917**. Aracaju: Typographia O Estado de Sergipe, 1917.

SIRINELLI, Jean-François. **Histoire des droites em France**: Cultures. T. 2, Paris: Gallimard, 1992, p. 3-4.

TELLES, Manoel dos Passos de Oliveira. Discurso proferido pelo Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles, na sessão magna do Instituto, no dia 17 de Março de 1917. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N.º. 7, 1917, p. 65-73.

